



A IDENTIDADE DO HOMEM VIL DE DANIEL 11:21

Alexandre Romualdo da Silveira

André da Silva e Silva

Weverton de Paula Castro

RESUMO

O propósito do presente artigo é apresentar através de uma revisão de literaturas qual é a identidade do homem vil de Daniel 11:21. Pois, ao se analisar o assunto percebeu-se que existem divergências entre as escolas de interpretação profética e até mesmo entre os próprios historicistas. Assim sendo, o objetivo é propor/definir uma identidade para tal personagem. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, tais como livros, artigos, comentários bíblicos, além de consultas a fontes de referência pertinentes relacionado no assunto. Mas também, a pesquisa fez uso do método historicista de interpretação profética, tendo como fonte principal o livro de Daniel. Neste contexto, percebeu-se que o homem vil de Daniel 11:21 é o chifre pequeno do capítulo 7 e 8.

Palavras-chaves: Preterismo. Futurismo. Historicismo. Chifre pequeno. Homem vil.

ABSTRACT

The purpose of this present article is to display, through a revision of literatures, what the identity of the vile man of Daniel 11:21 is. For, when analyzing the subject it is notable that there are divergences between the schools of prophetic interpretation, also within the historicists. Therefore, the objective is to propose/define an identity for this character. The methodology used was of bibliographic research, such as, books, articles, biblical commentaries, besides the consultations with relevant reference sources related to the subject. But also, this research made use of the historicist method of prophetic interpretation, having its main source on the book of Daniel. In this context, it is aware that the vile man in Daniel 11:21 is the small horn of chapters 7 and 8.

Keywords: Preterism. Futurism. Historicism. Small horn. Vile Man.

1 INTRODUÇÃO

O capítulo 11 de Daniel está inserido dentro da última profecia do livro. E esta última profecia se inicia no capítulo 10 e finaliza no capítulo 12. O capítulo 10 é considerado como a introdução da profecia, o capítulo 11 o corpo e o 12 a conclusão (SHEA, 2010, p. 228). O capítulo é considerado um dos mais difíceis da Bíblia (Doukhan, 2019, p. 1). Além disso, “Daniel 11 provavelmente seja a profecia mais longa e mais detalhada da Bíblia” (SOUZA, 2019, p. 108). O capítulo “não lida com símbolos que representa reinos, mas se concentra sobre reis individuais que se relacionam com aqueles símbolos empregados nas profecias anteriores” (HOLBROOK, 2009, p. 198). Por tal motivo, o capítulo é de difícil interpretação e apresenta divergência entre os intérpretes. Souza (2019, p. 109) diz que esse capítulo “provavelmente seja uma recapitulação dos capítulos 8 e 9, expandindo certos aspectos das profecias anteriores”.

Entretanto, apesar das profecias do capítulo 11 ser a mais detalhado do livro Daniel, com o surgimento do preterismo e futurismo em meados do século 16 e início de século 17 (DEDEREN, 2011, p. 893), apresentou-se também as divergências entre às escolas de interpretação profética (Preterismo, Futurismo e Historicismo) sobre a identificação de quem é o “homem vil” de Daniel 11:21.

Na busca apoiar suas ideias, os preteristas e futuristas fundamentam-se principalmente não no cânon bíblico, mas no relato dos macabeus e dos antigos historiadores. O que também tem sido motivo de uma acentuada desvalorização das profecias e sua autenticidade. No entanto, apesar dos historicistas apoiarem suas ideias principalmente no cânon bíblico, buscando seu cumprimento na história, não se tem ainda uma posição fechada sobre o assunto entre os mesmos.

Futuristas e preteristas concordam que o homem vil de Daniel 11:21 seja Antíoco IV Epifânio. Por outro lado, alguns historicistas vêem a entronização de Roma no verso 14 e a transmissão para segunda fase (Roma papal) semente no verso 31 (HOLBROOK, 2009, p. 198). Dessa forma, no verso 21 quem assume o caráter do homem vil é Tibério César (SMITH, p.204). Há outros historicistas que afirma que Roma papal tem seu início no verso 21. Assim sendo, a pergunta a ser respondida é: quem realmente é o “homem vil” de Daniel 11:21? É Antíoco IV Epifânio? É Roma Imperial representada pela pessoa de Tibério César? Ou seria Roma papal?

Pelo fato de ainda existir tais divergências sobre o assunto, a ampliação de um estudo aprofundado acerca das profecias de Daniel, em especial o capítulo 11, contribuirá para o desenvolvimento sólido das crenças adventistas, o fortalecimento da fé, a segurança na harmonia bíblica e a sua confiabilidade. Além disso, o presente estudo proporcionará mais ferramentas tanto para o público acadêmico, como para o público leigo, que desejam entender o capítulo 11 de Daniel, principalmente sobre a identificação do “homem vil” do verso 21.

Portanto, o propósito deste estudo é definir qual é a identidade para o homem vil de Daniel 11:21. Assim sendo, o primeiro capítulo irá descrever as perspectivas de análise pro-



féticas, das três escolas de interpretação (Preterismo, Futurismo e Historicismo) para o livro de Daniel. O segundo capítulo irá apresentar as posições para o “homem vil”, dentro de cada escola de interpretação profética (Preterismo, Futurismo e Historicismo). Por fim, o último capítulo desenvolverá e apresentará quem seria o “homem vil”.

2 PERSPECTIVA DE ANÁLISE PROFÉTICAS PARA O LIVRO DE DANIEL

É evidente, que para a compreensão de uma passagem ou de um livro da bíblia, é necessário conhecer o contexto histórico e geográfico, onde o determinado fato ocorreu. E para entender o livro de Daniel, isso é fundamental. Além disso, “saber quem foi o autor do livro de Daniel é crucial, uma vez que a interpretação e a validade das profecias do livro depende da identificação do autor” (PFANDL, 2015, p. 69). Pois, se o autor for o profeta Daniel, o conteúdo do livro e as profecias terão um determinado significado. Porém, se o autor não for o profeta Daniel, mas um autor desconhecido do segundo século, então o conteúdo do livro e as profecias receberão outro significado. É justamente no contexto dessas observações que envolve toda a discussão, ao longo dos anos, entre os preteristas, futuristas e historicistas.

Essas discordâncias entre as três principais escolas de interpretação, tiveram um início evidenciado quando no século XVI, houve um acentuado interesse no estudo da bíblia como na interpretação das profecias, por causa da forte ênfase dos reformadores. Utilizando o método historicista de interpretação profético, os reformadores (por exemplo João Calvino, Martinho Lutero, Ulrico Zwínglio) chegaram a uma ampla concordância, que a aplicação das profecias de Daniel 2, 7, o anticristo, a “abominação da desolação” de Mateus 24, o “homem do pecado” (2 Ts 2:3) se referiam ao papado. Esta comparação do papado com a anticristo, fez com que milhares de pessoas abandonassem a fé Romana (DEDEREN, 2011, p. 893).

Entretanto, com o objetivo de defender-se das acusações proferidas pelos reformadores, “o Concílio Reformatório Católico introduziu os argumentos iniciais para dois sistemas diferentes de interpretação profética: preterismo e futurismo. Essas posições serviram para desviar o dedo acusador da profecia contra o sistema papal” (PAROUSIA, 2000, p. 68).

2.1 PRETERISMO

O nome Preterismo, surgiu quando o jesuíta Luís de Alcazar (1554 - 1613) na busca de defender as acusações feita pelos reformadores contra o papado, introduziu um método diferente do método histórico para interpretar as profecias. Este por sua vez, aplicava o cumprimento das profecias todas ao passado. Entretanto, já no terceiro século, Porfírio, conhecido como inimigo do cristianismo, utilizou abordagens preterista para interpretar as profecias (DEDEREN, 2011, p. 893, 894).

Porfírio foi um filósofo neo-platônico que viveu no terceiro século d.C.. Após ele ter estudado a obra de Hipólito, decidiu contrapor as suas ideias. Porém, seu ponto de partida estava nos próprios argumentos de Hipólito sobre a identificação do chifre pequeno de Da-

niel 8 e as atividades do capítulo 11 com Antíoco IV Epifânio. Ou seja, ao Hipólito atribuir o cumprimento de Daniel 8 e 11 ao passado, ele forneceu diretrizes para Porfírio elaborar uma argumentação preterista das profecias (HOLBROOK, 2009, p. 231). Assim sendo, Porfírio foi o primeiro crítico a negar a autoria de Daniel para o sexto século a.C. (PFANDL, 2015, p. 69). O que também pode ser confirmado por Jerônimo

Porphyry escreveu seu décimo segundo livro contra a profecia de Daniel, negando que fosse composto pela pessoa a quem é atribuída em seu título, mas por algum indivíduo que vive na Judéia em o tempo do Antíoco, que tinha o sobrenome Epifanes. Além disso, ele alegou que “Daniel” não previu tanto o futuro quanto relatou o passado e, por fim, que tudo o que ele falou até a época de Antíoco continha história autêntica, enquanto que qualquer coisa que ele pudesse ter conjecturado além desse ponto era falso, na medida em que como ele não teria previsto o futuro. (JERÔNIMO, 1958, p. 15)

Na concepção de Porfírio, a justificativa de Daniel não ser o autor do livro e sim um indivíduo que viveu no período da perseguição feita por Antíoco IV Epifânio, é pelo fato do relato ser tão preciso, mas escrito em forma de profecia (PFANDL, 2015, p. 69). Deste modo, os fundadores do método preterista foi Porfírio e Alcazar. Mas também, eles são os antecessores do atual método de interpretação histórico-crítico, que defendem que os ensinamentos bíblicos apocalípticos tem seu cumprimento no passado (DEDEREN, 2011, p. 893, 894).

Numa fase inicial, estudiosos da escola histórico-crítico, defendiam que o livro de Daniel, ou pelo menos parte dele, foi escrito no segundo século a.C., quando os judeus estavam enfrentando perseguição de Antíoco IV Epifânio. Desta forma, o autor não seria o Daniel que viveu no sexto século, mas um autor desconhecido que se colocava com estadista-profeta (HOLBROOK, 2009, p. 5,6). Collins (1999, p. 30), um sucessor de Porfírio, supõe que um editor do segundo século foi que adicionou as visões (capítulos 7-12) ao livro, e possivelmente ele foi o autor das visões e quem organizou a forma final do livro de Daniel.

Entretanto, estudiosos da atualidade desta escola de interpretação, defendem uma composição longa para o livro, o qual se inicia na época do exílio Babilônico e termina no Segundo século a.C. Assim sendo, a mensagem do livro de Daniel seria somente para fortalecer e encorajar os judeus a permanecerem fiéis a Deus, mesmo enfrentando perseguição. As atividades mencionadas no livro sobre o grande vilão (cap 7, 8, 11), estariam vinculadas a Antíoco IV Epifânio. E as visões seriam somente relatos históricos contados após o evento (HOLBROOK, 2009, p. 5-8).

O preterismo penetrou no pensamento protestante, no final do século 18, e tornou-se o ponto de vista padrão do protestantismo liberal. Hoje, a erudição histórico-crítica estabelecida situa a composição de Daniel no II século a. C., e encara as pretensas profecias como se referindo à pessoa e aos tempos de Antíoco IV Epifânio, o rei selêucida da Síria. O livro de Apocalipse é restrito ao contexto romano nos primeiros séculos da era cristã (PAROUSIA, 2000, p. 68).

2.2 FUTURISTA



Outro jesuíta que defendeu o papado contra os ataques dos reformadores foi o padre Francisco Ribera (1537-1591). Em sua exposição, argumenta que os três primeiros capítulos iniciais do apocalipse tem seu cumprimento correspondente na época do apóstolo João, os demais capítulos, ele atribuiu o significado a um anticristo em um período futuro de três anos e meio no fim dos tempos. Escritores brilhantes como Samuel R. Maitland (1792-1866), John N. Darby (1800-1892) defendem Ribera como o fundador do futurismo moderno (DEREN, 2011, p. 894).

Além disso, os futuristas consideram que a “septuagésima semana da profecia das setenta semanas de Daniel 9:24-27 é desconectada do todo e recolocada nos últimos sete anos do mundo” (PAROUSIA, 2000, P. 68). Contudo, diante de tais informações, você pode estar se questionando, qual a justificativa para defender tais posições? Eles afirmam que a posição da irmandade primitiva seguia o método futurista para interpretar as profecias apocalípticas. Fato que os assegura, como a linha interpretativa mais assertiva, pois, se utiliza destas exposições (RODRIGUES, [entre 2003-2020]).

Entre os que buscam apoio para posições futuristas encontra-se Irineu de Lyon que viveu entre (120-202 d.C), discípulo do bispo de Esmirna chamado Policarpo, que era discípulo de João. “Irineu ... identificou o chifre pequeno do capítulo 8 com um futuro anticristo” (HOLBROOK, 2009, p. 222). O que pode ser analisado em suas palavras:

Porém, quando este anticristo tenha devastado todas as coisas neste mundo, ele reinará por 3 anos e 6 meses, e se sentará no templo de Jerusalém; e quando o Senhor vier nas nuvens dos céus, na glória do Pai, enviará este homem e a seus seguidores ao lago de fogo; restaurando os tempos de bem-estar e justiça no reino, que é, o descanso, o sétimo dia sagrado; e restaurando a Abraão a herança prometida, no reino que o Senhor declarou, no qual muitos virão do este e do oeste e se sentarão com Abraão, Isaque e Jacó”. (Contra as Heresias, Livro V, XXX).

Hipólito, aluno de Irineu, se tornou um divisor de águas para a interpretação profética. Sua posição para o livro de Daniel é bem variada. Ele interpretou o capítulo 2 e 7 como os historicistas, o capítulo 8 e 11 como os preteristas, entretanto foi um futurista na interpretação do capítulo 9. Tornando-se desta forma, o primeiro a separar a septuagésima semana das 69 (Dn 9: 24-27) e colocá-la para no fim dos tempos (HOLBROOK, 2009, p. 210).

Como essas coisas, então, estão no futuro, e como os dez dedos da imagem são equivalentes (e muito) a democracia, e os dez chifres da quarta besta estão distribuídos entre dez reinos, olhemos o tema com mais profundidade, e consideremos estes assuntos à luz clara de uma posição pessoal.

A cabeça de ouro da imagem e o leão caracterizam os babilônios; o peito e braços de prata, e o urso, representam os persas e medos; o ventre e as coxas de bronze, e o leopardo, significa Grécia, que liderou desde os tempos de Alexandre; as pernas de ferro e a besta assombrosa e terrível são uma expressão dos romanos, os quais têm reinado até o presente. Os dedos dos pés, que são metades barro e metade ferro, e os dez chifres, são emblemas dos reinos que ainda surgirão; o outro pequeno chifre que surge entre eles significam o anticristo no meio deles; a pedra que esmaga a terra e traz julgamento sobre o mundo foi Cristo (Tratado de Cristo e do anticristo, 27 e 28)

Além desses, fundamentam-se também em Cipriano, que viveu entre 200 e 258 d.C, e afirma o futurismo, pós-tribulacionismo e literalismo na sua obra. “Não deixem que nenhum de vocês, irmãos na fé, sejam aterrorizados pelo medo da futura perseguição, ou pela vinda do anticristo...O anticristo está vindo, mas após ele virá Cristo também...” (Extraído da epístola de Cipriano, LV, 7).

2.3 HISTORICISMO

Por sua vez, os historicistas defendem que existe uma continuidade nas profecias. As quais se desenvolve no decorrer da história deste mundo. Deste modo, elas podem ter início no passado, prosseguir para o presente e alcança o futuro (SHEA, 2010, p. 13). Em outras palavras, o “cumprimento das predições abrange toda a história desde os impérios pagãos dos dias de Daniel até o estabelecimento definitivo do reino de Deus” (DEDEREN, 2011, p. 899). Dessa forma, os historicistas defendem o cumprimento das profecias de maneira contínua e consecutiva, não admitindo “interrupções ou lacunas no processo” (HASEL e HASEL, 2019, p. 92). Agora, com respeito a autoria do livro, “a opinião tradicional de judeus e cristãos é de que o livro foi escrito no 6º século a.C. e que Daniel é o autor” (NICHOL, 2013, p. 819). Jesus também atribuiu a autoria do livro a Daniel (Mt 24:15).

No entanto, além de saber quais são as perspectivas de análises historicista para o livro de Daniel, é favorável entender quais motivos levaram eles a adotarem tais posições. O que pode ser observados nesta fonte historicista a seguir:

A validade do historicismo como um método para a interpretação de Daniel e Apocalipse é fornecida pelo fato de que o anjo intérprete em Daniel usou esse método para explicar o significado das visões ao profeta. Em seu sonho, Daniel foi informado de que o sonho do rei (Dn 2) representa quatro reinos que surgirão na história humana antes que o reino de Deus seja estabelecido (v. 36-45). As quatro bestas de Daniel 7 representam esses mesmos reinos, após os quais Deus dará o reino aos santos (v. 18,19). O primeiro reino foi identificado como Babilônia (2:36-38). Em Daniel 8, dois animais são usados como símbolos para representar os impérios Medo-Persa e Grego (v. 19-21). O quarto reino não é identificado em Daniel, mas Jesus o identifica como Roma (Mt 24:15). Segundo Daniel, esse reino seria dividido e um chifre pequeno exerceria controle político e religioso sobre o povo. No tempo do fim, o chifre deve ser destruído, e o reino de Deus, estabelecido para sempre. (NEUFELD, 1995, P. 698 apud SOUZA, 2019, p. 12)

Além disso, o principal fator dos historicista adotarem tais posições, é o fato do próprio Cristo utilizar o método historicista para interpretar Daniel. Quando em Marcos 1:15 Ele fala sobre o cumprimento histórico da profecia das 70 semanas (Dn 9: 24-27). Mas também, Jesus falou sobre o cumprimento histórico da destruição de Jerusalém no ano 70 AD (Mt 24:15; Lc 21:20) (PAROUSIA, 2000, p. 68). Após a morte de Cristo, Paulo também faz uso do método historicista, ele “mencionou uma sucessão de eventos proféticos a ser cumpridos dentro da história antes da segunda vinda de Cristo (2Ts 2:1-12) (SOUZA, 2019, p. 12).



3 INTERPRETAÇÃO PARA O HOMEM VIL DENTRO DAS INTERPRETAÇÕES

A partir desta seção, o foco se destinará principalmente ao capítulo 11. Nesta seção apresentaremos a posição de cada escola de interpretação para o capítulo 11 de Daniel. Limitado ainda mais ao verso 21, onde se localiza o núcleo da pesquisa.

3.1 INTERPRETAÇÃO A PARTIR DO PRETERISMO

Cada detalhe da profecia deve ser analisado minuciosamente, e qualquer ponto por mais simples que seja, mas que não demonstre coerência influenciará no resultado final do estudo. Os preteristas demonstram algumas formas de interpretação. Em defesa dos preteristas completos, Kayser (2012, p. 5) diz que, este grupo é confundido à aqueles que interpretam as profecias com o cumprimento todo no passado de algumas passagens. Este mesmo autor fala que os preteristas completos possui apenas uma forma de pensar, com termos e conotações variados inventados por outras pessoas, assim Kayser afirma que:

Os termos “Preterismo Completo”, “Preterismo Consistente”, “Hiperpreterismo”, “Preterismo Radical” e “Doutrina de Himeneu” têm sido usados com variados graus de conotações positivas ou negativas para definir o mesmo sistema de pensamento (KAISER, 2012, p. 5).

Para Hardy, o esquema que mais identifica o método preterista de estudo do capítulo 11 de Daniel, se apresenta da seguinte maneira:

A forma mais comum de esboço preterista em Dan 11 inclui vv. 2-20, 21-39 e 40-45 como seções, onde vv. 2-39 são história escrita após o fato, e vv. 40-45 são genuínas profecias identificadas como tal por suas supostas imprecisões históricas. (HARDY, 1983, p. 230).

Algumas linhas de interpretação desta escola conota uma aparente coerência, por isso a atenção deve ser redobrada ao fazer a análise de determinados conteúdos. Levando em consideração a exposição de alguns comentaristas que se harmonizam com o método de interpretação preteristas, é perceptível o descarte ou a agregação dos textos em questão, apenas quando se encaixam e fundamentam positivamente sua forma de pensar. Ou seja, se o texto se harmoniza com aquilo que concordo, faço uso, caso contrário, o texto não tem valor nenhum. Em sua tese de mestrado, Vilanova apresenta um destes casos.

Lieth não faz nenhum comentário dos versículos 1 a 35a, e propositalmente assim procede, “pois tratam de coisas que já passaram”, justifica esse autor. O conteúdo alcançado por esses trinta e cinco versículos cobre um período de tempo de aproximadamente 300 anos, que para Daniel era futuro e se cumpriu literalmente desde o rei Ciro da Pérsia até Antíoco Epifânio (LIETH, 2004, p. 202 apud VILANOVA, 2016, p. 37).

Vilanova ainda mostra a complexidade que existe na interpretação preterista, veja o que ele afirma:

Para alguns intérpretes preteristas desse ponto até o fim do capítulo 11 (v. 45), deve ser aplicado a Antíoco IV Epifânio, para outros, até o versículo 20 trata dos predecessores, e do versículo 21 ao 45 aí sim, diz respeito a Antíoco IV Epifânio (VILANOVA, 2016, p. 44).

Mesmos que os estudos apontem para a segunda parte do livro de Daniel como profética, “a escola preterista admite que Daniel 11 não seja uma profecia, mas, um relato de eventos que ocorreram nos dias de Antíoco IV Epifânio no século II a.C.” (VILANOVA, 2016, p. 72).

Como observado a princípio cada detalhe na profecia pode alterar sua interpretação e conclusão, e então, surge à necessidade de alterar datas para sua composição e cumprimento, bem como encontrar autores diferentes para cada período divergente. No entanto, “Lacocque conclui que “podemos ao menos situar a segunda parte do livro de Daniel (caps 7-12), portanto, com ampla certeza em 164 a.C.”. (HOLBROOK, 2009, p. 6).

Para Shea, “a posição preterista/critico-histórica considera que as profecias de Daniel se cumprem nos tempos da Palestina do segundo século a.C, e restringe Apocalipse aos primeiros séculos d.C” (HOLBROOK, 2017, p. 206).

Segundo Ferch (2011, p. 7 e 8), uma dupla aplicação para o vilão dos capítulos 7, 8 e 11 de Daniel, como sendo Sírio e o anticristo, está fora de questão. E ainda apresenta comentaristas contrários a esta posição, sendo assim ele mostra que, Hartman e Di Lella (1978), consideram esta dupla utilidade como estudo exegético insensato, além de uma religiosidade imprestável, mas afirmam ser Antíoco IV o vilão desafiador e blasfemo destes capítulos.

Segundo Shea (2017, p. 372), não são todos os comentaristas na escola preteristas, que aceitam a ideia de explicações sucessivas em relação à extensão do tempo propício, para o cumprimento da profecia, ou seja, tipo de explicação que encaixa a contagem de tempo de acordo com as próprias conclusões preterista, mesmo que não estejam em harmonia com as datas, períodos, fatos e acontecimentos históricos. Dentre eles estão Hartman e Di Lella (1979), os mesmos dizem que, este método de interpretação simultânea, de maneira extensiva e variada, de uma mesma profecia, simplesmente não é confiável, ficando restringida a mera conjectura.

Em seu comentário, Hernández expõe a forma de interpretação preterista, observe que o autor discorda com esta conclusão:

A maioria dos preteristas, por sua vez, apresenta esta frase “um homem desprezível “para Antíoco IV Epifânio e por isso eles fazem malabarismos para dar seu pai Antíoco III o Grande até ver. 19 e apresentar Seleuco IV às 11:20, embora esses textos não descrevam as ações desses reis. A segunda parte do v.21 “virá sem aviso e tomará o reino com lisonja” também não está relacionado com Antíoco IV “muito pelo contrário: ele foi chamado por seu irmão Seleuco IV, e não teve tempo de ganhar o reino com lisonjas, já que seu irmão Seleuco foi assassinado enquanto ele estava a caminho. “O mesmo pode ser dito de cada versículo que se segue, se encaixa apenas com Roma, não com Antíoco (HERNÁNDEZ, 2012, p. 373).

3.2 INTERPRETAÇÃO A PARTIR DO FUTURISMO



Em alguns aspectos, as distintas escolas futuristas e preteristas concordam, em outros não. De acordo com Shea (2011, p. 211), estas duas escolas de interpretação concordam sobre a identificação de Antíoco IV Epifânio no verso 21. A Diferença entre elas é que para os futuristas Antíoco IV permanece até o verso 35 e no verso 36 existe uma transição de 2000 anos até o anticristo. Enquanto os preteristas retêm Antíoco IV até o fim do capítulo, mas que os versos 40-45 não foram cumpridos em seu reinado e são considerados como profecia do próprio autor que já mais ocorreram.

O método futurista apresenta um esquema interpretativo próprio de suas conclusões:

A forma mais comum de contorno futurista em Daniel 11 inclui vv. 2-20, 21-35 e 36-45 como seções. A divisão do versículo de maior importância é o que separa o passado do futuro (vv. 35/36), com longa previsão; Considerando que a pausa correspondente para preteristas é entre a história e a profecia (vv. 39/40), com o II século B.C. a longo prazo (HARDY, 1983, p. 231).

Um importante intérprete da profecia do livro Daniel, e considerado Pai da Igreja primitiva é Hipólito. Para o estudo geral do livro de Daniel, suas interpretações por parte são diferentes e seguem a linha: futurista, preterista e historicista. Em relação ao capítulo 11 segundo Shea (2011), a divisão que Hipólito faz neste capítulo se iguala a forma adotada pelo futurista e dispensacionalista, sendo este o primeiro a aplicar sua conclusão profética a Antíoco IV Epifânio. Vale ressaltar que toda sua tese fundamenta-se principalmente no livro de Macabeus.

Shea ainda faz exposição de outras conclusões para o capítulo 11 de Daniel, versículo 21. Apesar de oposto a Porfírio, de Jerônimo ele diz o seguinte:

Embora o pai da Igreja posterior, Jerônimo, se opusesse a Porfírio em certos assuntos, continuou a manter e promover, por meio de seu comentário, uma interpretação de Antíoco para o chifre pequeno de Daniel 8 e para o capítulo 11 do versículo 21 em diante. Além disso, ele popularizou a ideia em seu comentário de que Antíoco histórico (retratado nos capítulos 8 e 11) tipificava a futura vinda de um anticristo (SHEA, 2011, p. 232).

Segundo Shea (2011, p. 236), “no versículo 21, Jerônimo separou-se de Porfírio. Nesse versículo, ele viu o anticristo apresentado e presente até o final do capítulo”. O comentarista Walvoord, apresenta uma série de declarações que contribui para a interpretação futurista, em defesa de Antíoco IV Epifânio como o homem vil descrito no v. 21, acompanhe suas afirmações:

O coletor de impostos designado por Seleuco chamava-se Heliodoro (2 Macabeus 3.7). Alguns afirmam que Seleuco IV Filopator foi envenenado e sua morte preparou o cenário para o último rei desse período, descrito por Daniel em 11.21-35. Nesses versículos, aparece na Síria um líder comparativamente insignificante, mais tarde conhecido como Antíoco IV Epifânio. A importância desse homem para Deus e Daniel surge na perseguição que empreendeu contra o povo judeu durante o seu reinado, de 175 a 164 a.C (WALVOORD, 1983, p. 234).

Ele afirma ainda que Em comparação com os reis anteriores na Síria, ele foi descrito por Daniel como um homem vil, “ao qual não tinham dado a dignidade real” (v. 21). “Ele conquistou o trono por uma série de intrigas e assassinatos de outros pretendentes, conforme descrito por Daniel: “Ele virá caladamente e tomará o reino, com intrigas” (WALVOORD, 1983, p. 234). Para Walvoord (1983), Antíoco IV Epifânio começou uma vida pública agitada, como fruto de sua guerra contra o Egito, o reino do Sul, e o poder emergente de Roma. Sua ascensão seria descrita no verso 21. “Antíoco IV assumiu o título real de Epifânio, que indica ‘divindade manifesta’. Por causa de suas constantes intrigas, recebeu de seus contemporâneos o apelido de ‘Epímanes’, que significa ‘louco’” (WALVOORD, 1983, p. 235).

Em sua obra, a Bíblia de estudo do Expositor, Swaggart (1980, p. 2082) afirma que o “homem vil” é Antíoco IV Epifânio, o Ilustre. O autor interpreta o reino apresentado no v. 21 como sendo Síria, Assíria e Armênia moderna. A conclusão interpretativa do livro de Daniel na visão de Swaggart, está em harmonia com a interpretação da escola futurista.

3.3 INTERPRETAÇÃO A PARTIR DO HISTORICISMO

Existe um consenso geral entre os historicistas sobre resultado final da profecia do capítulo 11. Contudo, não existe um acordo geral entre eles, somente em qual versículo é a chegada de Roma e do chifre pequeno. Mas todos concordam que eles fazem parte da profecia.

Desta forma, “Alguns historicista vêem a intromissão de Roma nos negócios do Oriente Médio começando com versículo 14. A transição para a segunda fase de Roma vem então com o versículo 30” (HOLBROOK, 2009, p. 198). Assim sendo, no verso 21 quem assume o caráter do homem vil é Tibério Cesar. “Se a tirania, a hipocrisia, a orgia e a embriaguez ininterruptas são traços e práticas que mostram ser um homem vil, Tibério exibiu esse caráter com perfeição” (SMITH, 1979 p.204).

Entretanto, existem aqueles que veem a chegada de Roma no verso 16. Entre eles, Carlos Mora apresenta:

O versículo 5 inicia uma nova seção apresentando o poderio do rei do sul. Os versículos posteriores apresentam a disputa entre o rei do Norte e o rei do Sul. Contudo o versículo 15 finaliza o pensamento apresentando a vitória do rei do norte sobre o rei do sul. O versículo 16 apresenta um novo poder em surgimento, o que pode ser observado pela expressão “O que virá”. As características do texto não se cumprem em Antíoco IV Epifanes nem com seu pai. Pois se assim fosse, haveria um retorno na linha de pensamento do texto e também romperia o pensamento que já estava sendo relatado, pois o texto anterior já vinha fazendo referência ao rei do norte (v.15) (Mora, 2012, p. 88).

Por outro lado, há aqueles que veem a transição da segunda fase no verso 21. “É evidente a aparição de um novo poder, distinto, astuto e vitorioso a partir de 11:21; este é o personagem principal até 11:45” (Mora, 2012, 105). Pfandl fez um resumo de algumas posi-



ções dos historicistas:

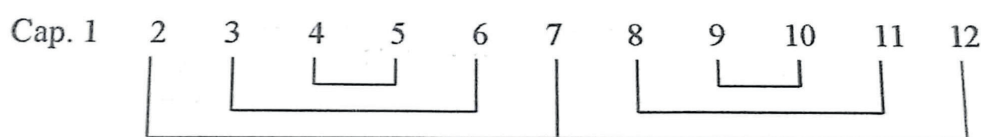
O Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia e Mervyn Maxwell enxergam a entrada de Roma no verso 14; R. A. Anderson, G. M Price e W. H. Shea acreditam que os romanos entram em cena no verso 16; J. B. Doukhan acredita que os romanos aparecem brevemente apenas no verso 4 e que, do verso 5 ao fim do capítulo, o rei do Norte se refere ao papado. Maxwell aplica os versos 21 a 45 ao papado; Shea considera que o papado entra em cena no verso 23; Price, no verso 30; e o Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia e Anderson acreditam que não podemos identificar as atividades do papado até o verso 31 (PFANDL, 204, P. 106)

4. ANÁLISE EXEGÉTICA

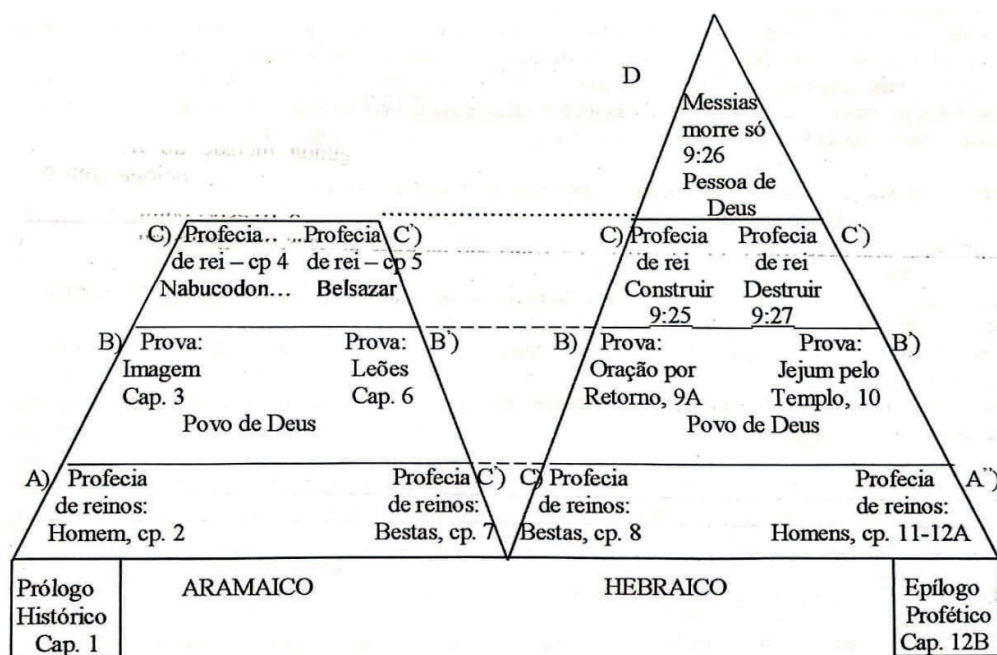
4.1 ESTRUTURA LITERÁRIA DO LIVRO DE DANIEL

Além de saber qual é o contexto histórico e geográfico de uma determinada passagem, é de suma importância compreender a estrutura literária do livro e da determinada passagem em estudo, principalmente dos livros apocalípticos. Pois, a “estrutura literária de uma passagem bíblica, muitas vezes fornece uma chave para o fluxo do pensamento ou temas teológicos centrais” (Richard, 2010, p. 29-30). Além disso, a estrutura literária provavelmente seja “a mais útil de todas as possíveis chaves, capazes de desvendar o significado do livro” (MAXWELL, 2008, p.55). Mas também, a estrutura literária auxilia na possibilidade de reconhecer vínculos com outras passagens do livro e confirma a unidade do livro (KNIGHT, 1996, p. 46, 47).

Doukhan (apud Mora 2012, p. 25) propôs uma estrutura para o livro de Daniel o qual mostra a unidade do livro, mas também pode-se perceber através do mesmo como o capítulo 7 é o elo que liga a seção histórica a seção profética.



Entretanto, William Shea (HOLBROOK, 2009, p. 201) apresenta uma estrutura onde se pode ver a relação mais detalhada entre a seção histórica com a seção profética. Ao se observar tal estrutura, pode se perceber claramente o vínculo que existe entre o capítulo 2, 7, 8, 11.



4.2 ESTRUTURA LITERÁRIA DO CAPÍTULO 11

Segundo Stefanovic (2007, p. 396) a estrutura literária do capítulo pode ser dividida da seguinte forma:

1. Conflitos entre leste e oeste (11: 2-4)
2. Conflitos entre norte e sul (11: 5-20)
3. Atividades políticas do homem vil (11: 21-30)
4. Atividades religiosas do homem vil (11: 31-39)
5. Conflitos no tempo do fim (11: 40-45)

Diante de tal estrutura literária apresentada, percebe-se que a partir do verso 21 temos uma transição no relato profético dando início a uma nova seção. Partilhando dessa mesma posição, Carlos Mora (Mora, 2012, p. 17) apresenta que o capítulo pode ser dividido em duas grandes seções. A primeira, iniciando no verso primeiro e vai até o verso 20. A segunda parte, começa a partir do versículo 21 e vai até o fim do capítulo.

Entretanto, um outro componente que indica a chegada de um novo poder no cenário profético do capítulo 11:21 é o verbo “levantar” (עמד). Esse verbo é utilizado em várias passagens do capítulo 11 (v. 2, 3, 4, 7, 20 e 21), e significa “levantar-se para reger”, “dominar” ou “reinar”. Em todos esses versos refere-se a vinda de um no rei/reino, o qual se levanta para governar (ver também 7:24; 8:23) (SHEA, 1996b, p. 214). Assim sendo, quem se levanta para governar no verso 2 é a Pérsia, no verso 3 e 4 a Grécia, no verso 7 o rei do sul, no verso 20 um que faria passar o exator pela terra gloriosa, e a última referência de um poder ou rei que se levantaria (‘amad) no capítulo 11 é no verso 21, o “homem vil”. Ou seja, a partir do



verso 21 não temos mais nenhum poder que se levanta para reinar. Isso nos mostra que do verso 21 até o fim do capítulo estamos lidando com o mesmo poder.

4.3 RELAÇÃO ESTRUTURAL ENTRE O CAPÍTULO 8 E 11

Como já mencionado na introdução, o capítulo 11 “provavelmente seja uma recapitulação dos capítulos 8 e 9, expandindo certos aspectos das profecias anteriores” (SOUZA, 2019, p. 109). Shea (2010 p.132) argumenta que o conteúdo dos capítulos 9 e 11 é a informação profética adicional dada pelo anjo Gabriel. Deste modo, nestes dois capítulos tem somente a explicação para a visão simbólica dada no capítulo 8. Gane (2007, p.3) apresenta que o capítulo 11 não introduz nenhum outro poder/reino, mas seu objetivo é explicar ainda mais o que já foi revelado.

Entretanto, é notório que no livro de Daniel, o profeta utilizou um recurso (estrutura) caracterizado pela repetição e ampliação. Desta forma, o esboço profético de Daniel 2, 7, 8 e 10 a 12 são uma cadeia progressiva de recapitulação e ampliação. Onde, as profecias subsequentes amplia e acrescenta detalhes não contemplados previamente (SOUZA, 2019, p. 9). Confirmando tal posição, Doukhan (2019, p. 2) diz que o capítulo 11 se relaciona previamente com o capítulo 8 que por sua vez é paralelo do capítulo 7 o qual é paralelo do capítulo 2. Carlos Mora (MORA, 2012, p. 15 e 16) apresenta a seguinte relação entre os capítulos:

IMPÉRIOS	Cap. 2	Cap. 7	Caps. 8, 9	Caps. 11-12
BABILÔNIA	v. 32a, 37, 38 - Cabeça de ouro	v. 4 - Um leão com asas	-----	-----
MEDO PERSA	v. 32b, 39a - Peito e braços de prata	v. 5 - Um urso com 3 costelas da boca	v. 3, 4, 20 - Um carneiro	11:2 - Quatro reis Pérsia
GRÉCIA	v. 32b, 39a - Barriga e coxa de bronze	v. 6 - Um leopardo com quatro cabeças	v. 5-8a, 21 - Um cabrito	11:3, 4 - Um rei valente e se reino quebrado em 4 partes
REINOS GREGOS	-----	v. 6b - Quatro cabeças	v. 8b, 22 - Quatro chifres que surgem do cabrito	11:5-14 - Guerras entre o Sul e o Norte
ROMA PAGAM	v. 33a, 40 - Pernas de ferro	v. 7 - Uma besta terrível e espantosa	v. 9-12, 23-25 - Um chifre que surge de um dos quatro ventos (as duas fases do Roma)	11:15-20 - Preeminência do rei do Norte

ROMA PAPAL	-----	v. 8, 20-25 - Chifre pequeno engrandece		11:21-39 - Singularidade do novo rei do Norte
EUROPA POLITICA	v. 33b, 42, 43 - Pés de ferro com barro	v. 7c, 20, 24 - Dez chifres na cabeça da besta	-----	-----
JUÍZO	-----	v. 9-14, 26 - Visão do juízo	8:13, 14, 26; 9:24-27 - Data do julgamento anunciada	-----
EVENTOS FINAIS	-----	-----	-----	11:40-45 - Última tentativa do rei do norte
SEGUNDA VINDA	v. 34, 35, 44, 45 - Uma pedra atinge a grande estátua	v. 27- O reino é dado para os santos do Altíssimo	-----	12:1-3 - Libertação do povo de Deus

4.4 IDENTIFICANDO O HOMEM VIL

Após ter analisado a estrutura literário do livros e do capítulo 11, fica evidente que para identificarmos o homem vil de Daniel 11:21 é preciso relacionar o capítulo 11 com os capítulos 7 e 8. Com o objetivo de identificarmos o personagem presente nesses capítulos e relacionarmos suas características com as características do homem vil e assim definirmos a sua identidade.

4.4.1 Antíoco IV Epifânio é o homem vil de Daniel 11:21?

Seguindo tais considerações, Shea (2012 p. 40) inicia sua análise no capítulo 7, com o objetivo de identificar se Antíoco IV Epifânio realmente tem espaço no esboço profético. Assim, ele argumenta que todas as escolas acreditam que o leão representa Babilônia (v.4). Contudo, no segundo animal que é representado pelo urso, começa a aparecer as divergências entre as escolas. Pois, historicistas e futuristas interpretam o urso como representando a Média e a Pérsia. Já os preteristas interpretam o urso como representado somente a Média (v.5). Desta forma, historicistas e futuristas continuam a interpretação dos próximos dois animais como sendo a Grécia e Roma, e preteristas interpretam os dois últimos animais como sendo a Pérsia e Grécia (v. 6-7).

O que os preterista pretende com tal interpretação, é que “separando a Média da Pérsia, os preteristas abreviam seu esquema profético até o surgimento de Antíoco IV Epifânio



como o chifre pequeno originário do animal grego” (SHEA, 2012, p. 41). Entretanto, para chegar a tais conclusões, os preteristas não utilizam o recurso profético de repetição e ampliação. Mas, eles iniciam a sua interpretação no capítulo 11, onde identificam o “desprezível” do verso 21 como sendo Antíoco IV Epifânio. Como as ações desse rei é remover a adoração regular e criar um abominação desoladora (v. 31), os preteristas voltam aos capítulos 7 e 8 e assumem que Antíoco deve ser o “chifre pequeno”, que comete esses mesmos crimes (GANE, 2007, p. 1).

Contudo, o apoio para a interpretação de que o urso representa a Média e a Pérsia pode ser visto no capítulo 8. Primeiramente o capítulo 7 apresenta que o urso levanta um de seus lados e depois o outro (v. 5). Já no capítulo 8 apresenta o carneiro com dois chifres, e esses eram um mais alto que o outro (v.3). Em seguida, o capítulo 7 mostra que o urso trazia na boca 3 costelas (v.5), as quais representam a três principais conquistas da Média e da Pérsia (Lídia, Babilônia e Egito). Confirmando tal interpretação, o capítulo 8 mostra que o carneiro dava marradas para o ocidente (Babilônia), para o norte (Lídia) e para o sul (Egito) (v.4). Além disso, o verso 20 do capítulo 8 mostra claramente que os dois chifres desproporcionais são identificados como os reis da Média e da Pérsia. Isto significa que o quarto animal descrito na profecia é Roma. Portanto, o chifre pequeno procedente dele não pode ser Antíoco IV Epifânio (SHEA, 2012, p.43).

O capítulo 7 também apresenta que “o quarto animal será um quarto reino na terra, o qual será diferente de todos os reinos” (v. 23). Isso significa que os quatros animais mencionados foram compreendidos como representando a reinos e não a monarcas individuais. Desta forma, o chifre pequeno que surgiria do último animal representaria um reino cooperativo e não a um rei isolado (SHEA, 2012, p. 50).

Agora, se o chifre pequeno do capítulo 7 não é Antíoco IV Epifânio, poderia o chifre pequeno do capítulo 8 ser? Existem argumentos relevantes a favor da identidade do chifre pequeno nesses dois capítulos como sendo a mesma identidade histórica. O primeiro, é que o mesmo símbolo é usado para ambos. Segundo, é que eles parecem surgir no mesmo tempo e desenvolvem ações semelhante¹. Por fim, como já mencionado acima, que as profecias posteriores visam ampliar as profecias anteriores, sem acrescentar nada novo no cenário (SHEA, 2012, p.44).

Um ponto importante a ser considerado, é que em Daniel 8: 9-12 apresenta que o chifre pequeno seria muito poderoso. Assim sendo, a pergunta a ser respondida é: Antíoco IV Epifânio teve um reinado poderosos a ponto de sobrepor os reinos anteriores? Sobre esse assunto Urias Smith diz:

Se fosse apropriado aplicar o símbolo da ponta pequena a qualquer dos vintes e seis reis sírios, teria certamente de aplicar-se ao mais poderoso e ilustre de todos. Mas Antíoco Epi-

1 Ambos começam pequenos e se tornam grandes (7:8 e 8:9); ambos são poderes blasfemos (7:8, 25 e 8:11, 25); ambos perseguem os santos de Deus (7:21,25 e 8:11,25); ambos parecem durar por um longo período de tempo profético (7:25 e 8:14); e ambos finalmente sofrem destinos semelhantes (7:26 e 8:52) (Shea, 2016, p. 44).

fanés de maneira nenhuma foi o rei mais poderoso da linhagem síria. Embora recebesse o nome de Epífanes, isto é, “o ilustre”, ele só foi ilustre no nome (Smith, 2017, p. 109)

Além disso, as conquistas mencionadas pelo chifre pequeno (“tornou-se muito forte para o sul, para o oriente e para a terra gloriosa” v.9), não condiz com as conquistas de Antíoco IV. O qual teve um pequeno sucesso inicial, mas não conseguiu expandir em suas campanhas. Ele não conseguiu nem recuperar território que Antíoco III já tinha conquistado e que por reinos maiores que ele foi obrigado a abandonar (SHEA, 2012, p. 51 e 52). Antíoco IV Epifânio “não ampliou seu domínio, exceto por algumas conquistas temporárias no Egito, que imediatamente diminuíram quando os romanos tomaram a parte de Ptolomeu e ordenaram que ele desistisse de seus intentos naquela região” (SMITH, 2017, p. 109 e 110).

Os adventistas do sétimo dia identificam o chifre pequeno em Daniel 8 como Roma pagã e Roma papal. Eles rejeitam a interpretação do chifre pequeno com Antíoco IV por várias razões: 1. O chifre pequeno surgiu entre 10 chifres (Dan. 7: 8), mas Antíoco IV não surgiu entre os dez reis helenísticos. Ele era o oitavo monarca do reino selêucida, que teve 28 reis no total. 2. Na visão de Daniel 7, três chifres foram arrancados antes que surgisse o chifre pequeno (verso 8). Antíoco IV nunca depôs três reis. 3. O chifre pequeno tornou-se maior do que os outros chifres (versículo 20). Claramente, Antíoco IV não foi maior do que os outros reis de seu tempo. Na verdade, a presença do romano o embaixador Popilius Laenas foi suficiente para fazer Antíoco IV se retirar do Egito. 4. Os santos foram entregues em suas mãos por três tempos/anos e meio (versículo 25). De acordo com 1 Macabeus 1:57 e 4: 52-54, a profanação do Templo durou apenas três anos e 10 dias. 5. O carneiro (Pérsia) tornou-se grande (Dan. 8: 4); o bode (Grécia) se tornou muito grande (versículo 8); e o chifre pequeno cresceu excessivamente (versículo 9). Em nenhum momento Antíoco IV foi maior do que a Medo-Pérsia ou a Grécia (PFANDL, 2004, p. 76)

Segundo Elias Brasil o chifre pequeno exerce três atividades, as quais são todas de natureza religiosa: 1) fala contra Deus; 2) persegue os santos; 3) pretende mudar os tempos e a lei. Desta forma, analisando tais atividades religiosas à luz da história, o único poder que se ajusta nessas especificações é o papado (SOUZA, 2019, p. 72).

Portanto, diante da interpretação preterista que define que o homem vil como sendo o chifre pequeno, à luz de tais evidências apresentado acima, pode-se concluir que pelo fato de Antíoco IV Epifânio não ser o chifre pequeno do capítulo 7 e 8, ele também não pode ser o homem vil de Daniel 11:21. Além disso, Gane (2007, p.19) apresenta que o personagem de 11:21 não pode ser Antíoco, pois o texto menciona que de alguma forma esse vil subiria ao trono através da usurpação. Entretanto, Antíoco chegou ao trono através de uma série de coincidências.

Por outro lado, Gane (2016, p. 300-301) também apresenta, em outra obra sua, que existe uma descontinuidade, uma ruptura no relato profético em relação aos versos anteriores, quando em Daniel 11:20 aparece a expressão “então se levantará em seu lugar” (Heb. *we'amad 'al kannô*). Neste caso, essa expressão aponta para alguém que assumiria funcionalmente o seu lugar/posição e status, sem qualquer indicação de continuidade dinástica, sem relação com os governantes previamente mencionados anteriormente. Simplesmente ocorre a substituição de um por outro.



4.4.2 Seria Tibério César o Homem Vil de Daniel 11:21?

Um dos motivos que alguns historicistas² geralmente interpretam o homem vil como Tibério César, é pelo fato de que o verso 20 a profecia apresenta que se levantaria um governador que faria “passar um exator pela terra gloriosa” (Dn 11:20). Esse governador é identificado como César Augusto. Dessa forma, o sucessor de César Augusto seria o homem vil e seu sucessor foi Tibério César (SMITH, 2017, p. 202 e 203).

Um outro fator para essa posição, é a referência ao “príncipe da aliança” (nagid) de Daniel 11: 22. Esse “príncipe da aliança” é interpretado como sendo o mesmo “príncipe” (nagid) de Daniel 9: 24-27. Dessa forma, o verso 22 do capítulo 11 funciona como um ponto cronológico dentro da profecia. Pois, se esse verso é uma referência a morte de Cristo, tudo o que o precede ao verso 22 deve se interpretado como ocorrendo antes da morte de Jesus. Assim sendo, o homem vil do verso 21 seria identificado como sendo Tibério César (SHEA, 2010, p. 63 e 64).

Entretanto, existem fortes evidência de que o homem vil não é Tiberio cesar. Desta forma, para comprovar tal afirmação, apresentaremos algumas evidências. Entre elas, vale lembrar o que foi já mencionado anteriormente sobre a posição defendida por Gane (2016, p. 300-301) onde a expressão “depois se levantará em seu lugar” (we‘amad ‘al kannô) que inicia o verso 20 indica uma transição no relato profético, sem indicação de continuidade dinástica a apresentada nos versos anterior. Ou seja, houve uma ruptura com a dinastia selêucida, introduzindo em seu lugar os romanos. E pelo fato do v. 21, iniciar com a mesma frase (“depois se levantará em seu lugar”), também deveria fazer o mesmo, rompendo a cadeia para introduzir um novo poder, diferente dos romanos, no cenário profético.

Por outro lado, Doukan comentando sobre o verso 22, declara que o verbo cortar (k arat) costumava descrever a morte do “Príncipe Messias” e normalmente associada a palavra Berite (aliança), sugere que o sujeito dessa aliança é Cristo. Porém, no contexto particular de Daniel 11:22 a referência ao evento da morte do “Príncipe da Aliança” é dado posteriormente, seguido da evocação dos mártir humano. Isto mostra que a atenção do profeta está naqueles que estão sendo “quebrados” por esse poder e não o “Príncipe da Aliança” (Cristo). Isso explica o por que de nesse versículo o profeta ter usado a palavra shabar, “Quebra”, o qual pode se referir a Cristo e aos santos, em vez do verbo k arat, “cortar”, que se encaixa somente para Cristo (9:26). Ou seja, a profecia se refere primeiramente a “quebra” daqueles que são “arrasados” (as pessoas perseguidas) e depois aos “Príncipe da Aliança”. Dessa forma, esse verso se refere a perseguição do povo de Deus, cuja a “quebra” é identificado com a “quebra” da crucificação de Cristo (1Pe 2:21; Jo 15:20) ((DOUKHAN, 2019, p. 189-141)

Mora concorda com a posição de Doukhan, o qual propõe que “o príncipe do pacto” se refere a “povo de um príncipe” (nagid, cf. Dn 9:26) e não ao “Messias Príncipe” de 9:25.

2 Elias Brasil (SOUZA, 2019, p. 114) diz que: “Intérpretes historicistas identificam esse governante como César Augusto, que ordenou o censo contemporâneo ao nascimento de Jesus (Lc 2:1)”

Este príncipe do povo que destrói Jerusalém e o santuário é Tito, imperador romano, em 70 dC.. Mora ainda enfatiza que a partir de 11:21 aparece um novo personagem singular, “o desprezível”, enquanto Jesus, como ponto focal da profecia, foi mencionado indiretamente às 11:20 (Mora, 2012, p. 110). Comentando sobre o verso 20 ele diz:

Esta passagem independente, por si mesma, enfatiza de maneira indireta o ponto chave do Império Romano, da humanidade e do plano da salvação. Depois Gabriel dá um salto e enfoca a partir do verso 21 o surgimento de um “desprezível”, um singular poder político-religioso que se avistava no horizonte da história. (Mora, 2012, p. 99)

Além disso, é válido lembrar que nenhum dos outros reis apresentado anteriormente é descrito como o “desprezível” do verso 21 (STEFANOVIC, 2007, p. 407). Isso mostra que o personagem do verso 21 é diferente. Mas também, o texto apresenta que esse rei seria um usurpador. E “Tibério não se encaixa na qualificação de usurpador, pois ele herdou legalmente o trono de Augusto, o herdeiro de César” (DOUKHAN, 2019, p. 138).

Por outro lado, como já mencionado na estrutura do capítulo, do verso 21 ao verso 39 estamos lidando com o mesmo poder. Entretanto, temos autores que claramente apresentam que a partir do verso 31 temos Roma em sua fase religiosa. Desta forma, pelo fato de que os 21 a 39 se referirem à Roma, em sua fase religiosa, pode-se concluir que o homem vil de Daniel 11:21 é o chifre pequeno.

Além dos argumentos já mencionado no início desta seção, pode ser observar que “O uso do título “desprezível” (literalmente “aquele que é desprezado”, um “vil”, 11:21, RV 1909), sugere um governo com uma natureza mais que política, como até agora tem sido a tônica da profecia”. Mora (2012, p. 106 a 107) ainda apresenta que esse “desprezível” do verso 21 pode ser identificado com o poder papal por algumas características:

1. Não lhe darão honra do reino - O bispo de Roma era um líder religioso, mas não tinha poder político.
2. Virá sem aviso - sua aparição como poder político seria inesperada.
3. E fortalecerá o reino - surgimento paulatino do papado que se apropriou gradualmente do poder civil.
4. Com lisonjas - uma característica a mais, é que esse “vil” tomaria o poder com palavras lisonjas e astúcia política.

Doukan comentando sobre Daniel 11:21, conclui que existem paralelos e ecos significativos entre este verso e Daniel 8:23-25. Assim sendo, pelo fato de Daniel 8: 23-25 está se referindo a perseguição liderada pelo chifre pequeno contra “os santos” (Dn 7:25; 9:27) é razoável concluir que o poder de Daniel 11:21 representa o mesmo poder perseguidor, usurpador e enganador (Roma papal) (DOUKHAN, 2019, p. 137).

Tregelles (838, p. 53,54) também fazendo um paralelo com os capítulos anteriores, identifica o chifre pequeno do capítulo 7 como sendo o mesmo do cap. 8, e depois apresen-



ta características do homem vil como tendo as mesmas do chifre pequeno. Dessa forma, a tabela a seguir apresentada por ele, mostra vários paralelos linguísticos entre os capítulos, os quais permite concluir que se referem ao mesmo poder:

Capítulos 7 e 8	Capítulo 11
7:25 – “Proferirá palavras contra o Altíssimo” 24:8 “Causará estupendas destruições”.	v. 36 – “Contra o Deus dos deuses falará coisas incríveis”.
7:25 – “cuidará em mudar os tempos e a lei”	v. 37 – “Não terá respeito aos deuses de seus pais”
7:21-22 – O chifre prevaleceu contra os santos até que veio o tempo em que os santos possuíram o reino	v. 36 – “será próspero até que se cumpra a indignação”
8:9 – se engrandeceu para a terra gloriosa	v. 41 – “Entrará na terra gloriosa”
8:17 – a visão pertence ao tempo do fim	v. 40 – “No tempo do fim...”
8:19 – “... no último tempo da ira”	v. 36 – “até que se cumpra a indignação”
8:25 – “por sua astúcia” (Heb. b e šalwâ)	v. 21 – “com intrigas” (Heb. b e šalwâ).

CONCLUSÃO

O artigo apresentado teve como objetivo apresentar através de uma revisão de literaturas qual é a identidade do homem vil de Daniel 11:21. O tema é relevante pelo fato de que ainda não se tem uma posição completamente fechada sobre o assunto. Assim, o estudo apresenta mais uma ferramenta para o ambiente acadêmico e para o público leigo que busca entender as profecias do livro de Daniel.

No primeiro capítulo foi apresentado as perspectivas de análise proféticas para o livro de Daniel. Ou seja, abordamos qual o posicionamento das três mais influentes escolas de interpretação (Preterista, Futurista e Historicista) para o livro de Daniel. Já no segundo capítulo, foi apresentado a posição dessas escolas para o capítulo 11 de Daniel. Por fim, analisamos o capítulo 11, sua estrutura e conteúdo, focando principalmente no verso 21, para assim apresentar qual é a identidade do homem vil.

Diante disso, podemos concluir através dos argumentos apresentados acima que a escola de interpretação profética historicista se encaixa mais perfeitamente na interpretação do livro de Daniel. E que o homem vil não é Antíoco IV Epifânio. Mas também, pelas características apresentado dos versos 21 a 39, entres elas o caráter religioso desse poder, o homem vil não pode ser Tibério Cesar. Mas, diante da pesquisa realizada, pode se perceber que o homem vil de Daniel 11:21 apresenta as mesmas características do chifre pequeno do capítulo 7 e 8. Portanto, o homem vil é Roma em sua segunda fase (Roma papal).



REFERÊNCIAS

CIPRIANO, Santo. **Obras Completas I**: Coleção Patrística. São Paulo: Paulus, 2016. Disponível em: <<https://ortodoxia.pt/data/Patrística-35.pdf>>. Acessado em: 25 abr. 2020.

COLLINS, John Joseph. **Daniel**: with an introduction to apocalyptic literature. reprinted. Michigan: Eerdmans Publishing Company Grand Rapids, 1999.

DAMSTEEGT, P. Gerard. **A prophecy history of Daniel 11 for today**. Andrews University. jun. 2018. Disponível em: <http://works.bepress.com/p_gerard_damsteegt/92/>. Acesso em: 13 de abril de 2020.

DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de teologia adventista do sétimo dia**. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

DOUKHAN, Jacques B. **Segredos de Daniel**: sabedoria e sonho de um príncipe no exílio. Tradução Matheus Cardoso. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

DOUKHAN, Jacques B. **Daniel 11 decoded**: an exegetical, historical, and theological study. Berrien Springs : Andrews University Press, 2019.

GANE, Roy E. **The Un-Manifestation of Antiochus IV Epiphanes in Daniel 11:1-22**. Andrews University, 2007.

GANE, Roy E. **Methodology for Interpretation of Daniel 11:2-12:3**. Andrews University, 2016.

HARDY, Frank Wilton. An historicist perspective on Daniel 11. Berrien Springs, MI. Andrews University Digital Library of Dissertations and Theses, 1983.

Hasel F e Hasel M. **Como Entender a Bíblia**: A arte de interpretar a Palavra. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019.

HASKELL, Stephens N. **The Story of Daniel the Prophet**. South Lancaster, Mass: Bible Training School, 1908.

HERNÁNDEZ, Héctor Urrutia. **Profecias apocalípticas de Daniel**: Deus é meu juiz. Argentina, 2012.

HOLBROOK, Frank B. (Ed.). **Estudos sobre Daniel**: origem, unidade e referência profética. Tradução Francisco Alves de Pontes, Fernanda Caroline de Andrade Souza. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2009. (Série Santuário e Profecias Apocalípticas, v.2).

HOLBROOK, Frank B. **Estudos sobre Apocalipse**: temas introdutórios. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2017.

JERÔNIMO, São. **Comentário sobre Daniel**. Tradução Gleason L. Archer. 1958. Disponível em: <http://www.tertullian.org/fathers/jerome_daniel_02_text.htm>. Acessado em: 27 de abril de 2020.

KAYSER, Phillip G. **Crítica do Preterismo Completo**. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto: Omaha, NE. Biblical Blueprints, 2012. Disponível em: <<http://www.monergismo.com>>. Acessado em: 01 out. 2020.

KNIGHT, George R. (ed.). **Daniel 1-7**: Prophecies of the end time. Boise: Pacific Press Publishing Association, 1996a.

_____. (ed.). **Daniel 7-12**: Prophecies of the end time. Boise: Pacific Press Publishing Association, 1996b.



LIÃO, Irineu de. **Contra as heresias**: coleção Patrística. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1995.

MAXWELL, C. Mervyn. **Uma nova era segundo as profecias de Daniel**. Tradução Hélio Luiz Grellmann. 2. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

MAXWELL, C. Mervyn. **Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse**. Tradução Hélio Luiz Grellmann. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

MORA, Carlos Elias (Ed). **Dios defiende a su pueblo**: comentario exegético de Daniel 10 al 12. México: Adventus (Editorial Universitaria Iberoamericana), 2012.

NICHOL, Francis D. **Comentario Adventista do Sétimo Dia**. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013. (Série Logos, v. 4).

PAROUSIA: Ellen G. White e a Interpretação de Daniel e Apocalipse. Engenheiro Coelho: Unaspress, ano 1, n. 2, 2000. 67 - 77p.

PFANDL, Gerhard. **Interpretando as escrituras**: descubra o sentido dos textos mais difíceis da bíblia. Tatuí, Sp: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

PFANDL, Gerhard. Daniel: the seer of Babylon. Hagerstown, MD: **Reviw and Herald**, 2004. Richard M. Davidson. "Historical-Grammatical Interpretation of Scripture", Perspective Digest: Vol. 15 No 3. Disponível em: <<https://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1151&context=pd>>. Acessado em: 21 de setembro de 2020. Andrews University, 2010.

RODRIGUES, Jesiel. **Porque somos futuristas**. Projeto Ômega, [entre 2003-2020]. Disponível em: <<http://www.projetoomega.com/futurismo.htm>>. Acessado em: 10 abr. 2020.

ROMA, Hipólito de. **Tratado sobre Cristo e o anticristo**. Assembleianos Puritanos, Alagoas 27 jun. 2012. Disponível em: <<http://assembleianospuritanos.blogspot.com/2012/06/hipolito-de-roma-tratado-sobre-cristo-e.html>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

Ruiza, M., Fernández, T. y Tamaro, E. Biografía de Francisco de Ribera. In Biografías y Vidas. **La enciclopedia biográfica en línea**. Barcelona (España). 2004. Disponível em: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/r/ribera_francisco.htm>. Acessado em: 15 abr 2020.

SOUZA, Elias Brasil. **O livro de Daniel**: uma profecia para nosso tempo. Tradução Delmar Freire. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019.

SHEA, William H. **Daniel**: una guía para el estudioso. Traducción Raul Lozano Rivera. Florida: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2010.

SHEA, William H. **Estudos selecionados em interpretação profética**. Tradução de Francisco Alves de Pontes. 2.ed. São Paulo: Unaspress, 2012.

SMITH, Urias. **Las profecias de Daniel y del apocalipsis**. Tradução Carlos Biagini. 7 ed. Mountain View California: Publicaciones Interamericanas División de la Pacific Press Publishing Association, 1979.

STEFANOVIC, Zdravko. **Daniel**: wisdom to the wise : commentary on the book of Daniel. Estados Unidos: Pacific Press Publishing Association, 2007.

SWAGGART, Jimmy. **Bíblia de estudo do expositor**. São Paulo: Sociedade Bíblica Brasileira, 1980. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/xvnn5v>>. Acessado em: 10 out. 2020.

TREGELLES, S. P. Observações nas Visões Proféticas no Livro de Daniel. in VILANOVA, Jeová Dias. **Daniel 11**: uma análise das interpretações correntes. São Leopoldo: EST/PPG, 2016. Disponível em: <<http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/BR-SIFE/764/>>



vilanova_jd_tmp477.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em: 30 set. 2020.

WALVOORD, Jonh F. **Todas as profecias da Bíblia**. São Paulo, SP: Editora Vida, 2000.